

MENSAL JUNHO 2018 FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO

SARAMAGO E  
O LIBERAZIONE  
AVO  
PT  
E

blimunda  
75

# HUGO

**Editorial 5**  
Com Saviano

**Leituras 6**  
Sara Figueiredo Costa

**Estante 12**  
Andreia Brites e Sara Figueiredo Costa

**O mundo caleidoscópico de Pieter Hugo 18**

Sara Figueiredo Costa

**A Casa da Andréa 31**  
Andréa Zamorano

**Avós 37**  
Andreia Brites

**And The winner Is... 55**  
Andreia Brites

**Espelho Meu 58**  
Andreia Brites

Saramaguiana

# Aquilo que não foi esquecido continua vivo e presente 61

José Saramago

Agenda 71

Epígrafe 77

---

**blimunda n.º 74 julho 2018**

DIRETOR

Sérgio Machado Letria

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

REVISÃO

FJS

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigners



Fundação José Saramago  
[www.josesaramago.org](http://www.josesaramago.org)

Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10 – 1100-135 Lisboa – Portugal

[blimunda@josesaramago.org](mailto:blimunda@josesaramago.org) – [www.josesaramago.org](http://www.josesaramago.org)

N. registo na ERC 126 238

Os textos assinados são da responsabilidade dos respetivos autores.

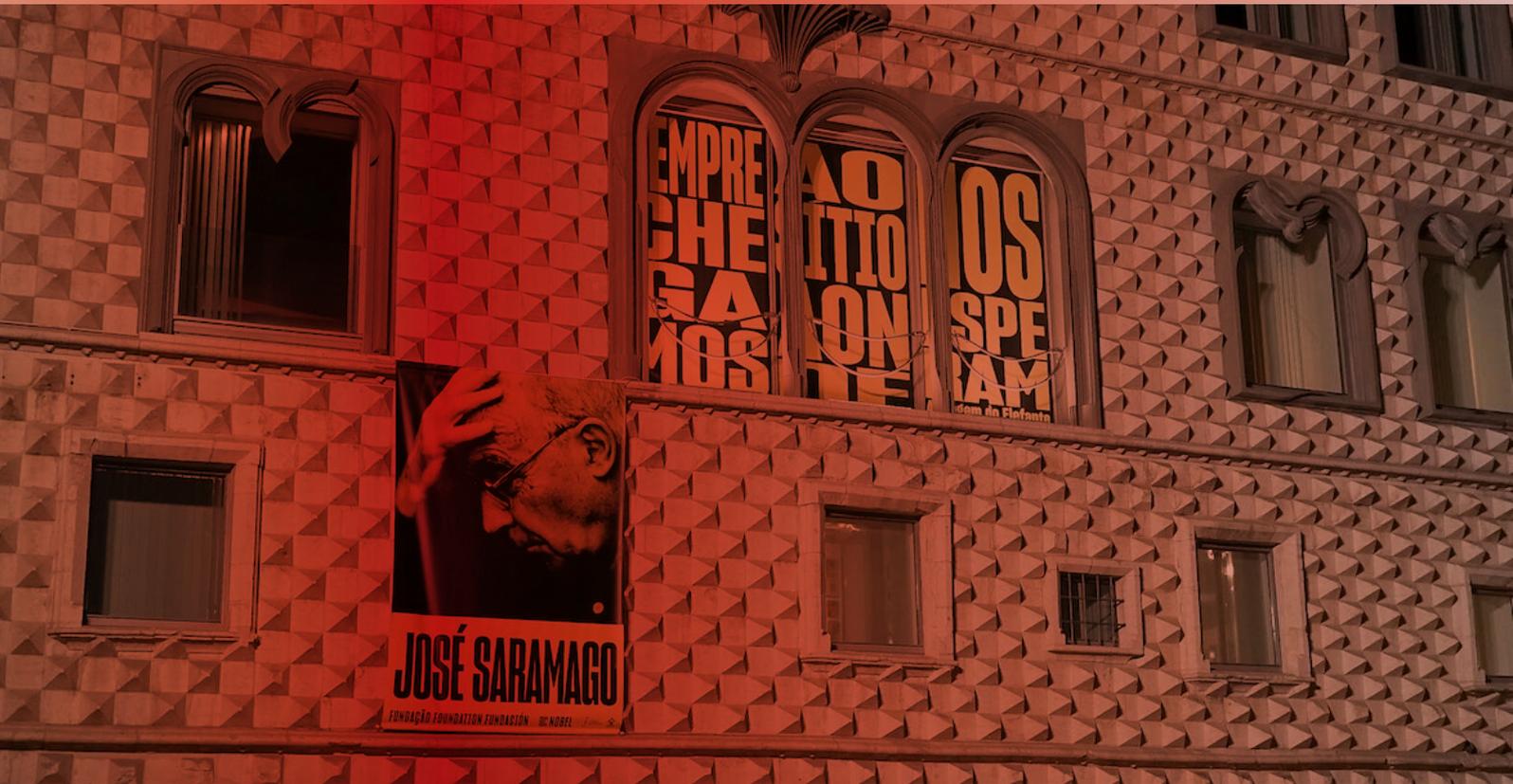
Os conteúdos desta publicação podem ser reproduzidos

ao abrigo da Licença Creative Commons

---

# Fundação José Saramago The José Saramago Foundation

# Casa dos Bicos



## Onde estamos Where to find us

Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa

Tel: (351) 218 802 040

[www.josesaramago.org](http://www.josesaramago.org)

[info.pt@josesaramago.org](mailto:info.pt@josesaramago.org)

Como chegar Getting here

Metro Subway

Terreiro do Paço (Linha azul Blue Line)

Autocarros Buses

25E, 206, 210, 711, 728, 735, 746, 759, 774, 781, 782, 783, 794

**Seg a Sáb Mon to Sat**  
**10-18h 10 am to 6 pm**

## Com Saviano

«Penso em Roberto Saviano, ameaçado de morte por ter escrito um livro de denúncia de uma organização criminosa capaz de sequestrar uma cidade inteira e quem lá vive, penso em Roberto Saviano que tem a cabeça não a prêmio, mas a prazo, e pergunto-me se algum dia

acordaremos do pesadelo que a vida é para tantos, perseguidos por dizerem a verdade, toda a verdade e nada mais que a verdade. Sinto-me humilde, quase insignificante, perante a dignidade e a coragem do escritor e jornalista Roberto Saviano, mestre de vida», escreveu José Saramago em dezembro de 2008 no blogue que mantinha à época.

Passados quase dez anos destas palavras, a situação de Saviano continua a preocupar-nos. O novo governo italiano, que tem como ministro do Interior Matteo Salvini, líder do partido de extrema-direita Liga Norte, ameaça agora deixar o jornalista sem proteção policial, o que acontece desde 2006, quando foi alvo de ameaças por parte da máfia napolitana.

A represália a Saviano dá-se pelas críticas que este tem feito ao governo chefiado por Giuseppe Conte, em especial em relação à política anti-migração que a Itália passou a adotar e que coloca em risco a vida de milhares de pessoas que tentam chegar à Europa fugindo da guerra e da fome. O ministro ultranacionalista promete também processar o escritor pelas suas declarações.

Em textos publicados recentemente no jornal *La Repubblica*, o escritor italiano pede que a sociedade civil rompa o silêncio diante da situação provocada pelo governo italiano. «Onde estão? Por que se escondem? Queridos amigos, escritores, jornalistas, cantores, blogueiros, intelectuais, filósofos, dramaturgos, produtores, dançarinos, médicos, cozinheiros, desenhistas, youtubers. Hoje não podemos permitir-nos ser apenas isso». Saviano pede que não nos calemos. «Não temos escolha. Calar significa dizer que o que está a acontecer está bem. Cada palavra tem uma consequência, mas o silêncio também».

De Lisboa, onde Roberto Saviano esteve em 2013 para apresentar o romance *Alabardas, alabardas, Espingardas, espingardas*, livro de José Saramago publicado postumamente, manifestamos o nosso apoio ao autor de *Gomorra*. Perseguido por falar e escrever verdades, Saviano conta com o nosso apoio.

# leituras do mês

SARA FIGUEIREDO COSTA

## **Patti Smith: literatura e política**

**«Donald Trump é um insulto para todos, e em especial para as mulheres», diz. «Estou com raiva e fico envergonhada ao pensar que a humanidade está premiando esse tipo de homem com postos de poder».**

A propósito da recente edição de *Devotion*, um relato que cruza a narrativa de viagens com o universo ficcional, Patti Smith dá uma entrevista a Laura Fernández, do *El País Brasil*, onde fala sobre o seu trabalho literário, mas também sobre o presente do mundo e as suas convulsões recentes. «Devotion é ao mesmo tempo uma viagem a Paris, que escreveu durante essa viagem – um relato sobre uma patinadora no gelo com um talento incomensurável, e seu poderosos, silencioso e, por fim, um mentor inconveniente – e uma tentativa de capturar, por meio do emocionante esbarrão no manuscrito do romance que Albert Camus deixou inacabado, a própria magia da criação. “Não sei por que comecei a escrever, mas sei que a escrita é um dom. Pode ser que a primeira vez que senti a pulsão estivesse com sete ou oito anos. Foi ao ler os contos de fadas de Oscar Wilde. Pensei que aquilo era diferente de tudo o que tinha lido até então. E que eu também queria escrever meus próprios contos”, diz.» Mais adiante, referindo-se ao movimento MeToo e à presença de Donald Trump à frente do governo norte-americano, Patti Smith deixa claras as suas convicções: «É por acaso que a patinadora protagonista de *Devotion* acaba destruindo um sujeito poderoso? Algo a ver com o movimento MeToo? “A única coisa que eu pediria à nova ascensão do feminismo”, responde Smith, “é que faça com que a relação entre homens e mulheres se fortaleça, que de modo algum nos separe, porque somente juntos podemos enfrentar os desafios do futuro.” Algo complicado com Donald Trump no poder. Ante o comentário ela demonstra incômodo. “Donald Trump é um insulto para todos, e em especial para as mulheres”, diz. “Estou com raiva e fico envergonhada ao pensar que a humanidade está premiando esse tipo de homem com postos de poder. Não se deve ceder nenhum palmo de terreno. Temos que lutar. Podemos fazer isso. Sobreviveremos a Trump. O mundo sobreviveu a tudo”, acrescenta.» ➔



**O estado da nação**

***Uma bandeira arco-íris pode dizer-me mais do que a bandeira portuguesa, porque durante muito tempo a bandeira portuguesa não soube ser***

## arco-íris (e ainda continua apenas a tentar sê-lo).

Numa crónica que se propõe discutir o «o estado da nação», Paulo Côrte-Real reflecte sobre algumas questões actuais da política e da sociedade portuguesas, começando por questionar a ideia de nação: «Cada uma e cada um de nós tem várias comunidades de pertença, bem para além de fronteiras políticas ou geográficas. Uma bandeira arco-íris pode dizer-me mais do que a bandeira portuguesa, porque durante muito tempo a bandeira portuguesa não soube ser arco-íris (e ainda continua apenas a tentar sê-lo).» Percorrendo alguns acontecimentos recentes, e discutindo temas como o racismo e outras discriminações, destaca as diferenças de género e o seu impacto na sociedade: «Que a discussão sobre todas estas questões ligadas ao género tenha sido tão limitada no espaço público mostra bem o estado da nossa nação. Mas bastaria perceber que o maremoto do movimento #metoo foi por cá - até agora - apenas uma pequena onda para ver que a nação ainda está bem longe de se definir como feminista (o sequer de compreender o significado - e a necessidade - da palavra). Essa foi, de resto, uma das marcas do último ano em Portugal: o impacto reduzido de um movimento tão transformador num país que claramente precisa de contrariar os silêncios com que sempre conviveu bem demais.» [→](#)

## Ler e reler

**Hay que estar muy despierto y muy lúcido para leer una novela. Y el grado de concentración exigido es mayor cuando se trata de una novela de Henry James, porque sus historias tratan de lo que sucede por debajo de las apariencias.**

Numa das suas últimas crónicas no suplemento *Babelia*, do jornal espanhol *El País*, o escritor Antonio Muñoz Molina fala sobre a arte da leitura e as vantagens da releitura, a propósito de *The Other House*, de Henry James. Dois excertos: «Es en la segunda lectura cuando me doy cuenta de verdad de cómo está hecha la novela. Quizá me gusta todavía más porque he tardado muchos años en llegar a ella. Algunas novelas nos esperan. Esperan a que alcancemos el grado necesario de madurez, o a que encontremos un periodo sostenido de sosiego, o a que dominemos mejor el idioma en el que están escritas. Yo sé que compré *The Other House* hace 13 años porque he encontrado entre sus páginas el recibo de una librería de Nueva York que ya no existe, Crawford Doyle, con su escaparate a la sombra de un toldo azul en una acera de la parte lujosa de Madison Avenue. Es una de esas ediciones sólidas y atractivas de *The New York Review of Books*. Atrae al tacto igual que a la mirada. Quizá la empecé entonces, pero la dejé a un lado,

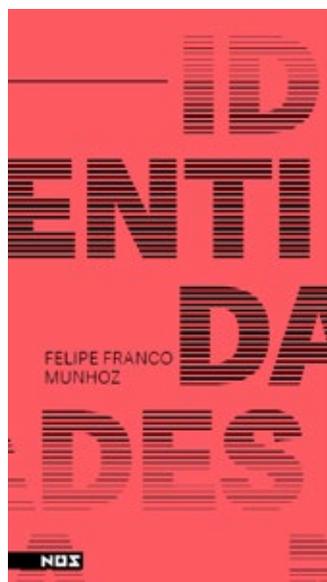
porque exigiria uma atenção de la que yo no era capaz en aquel momento. No la leí, pero siguió conmigo en mudanzas diversas, en mi biblioteca errante que iba creciendo o reduciéndose según el espacio de cada domicilio, y según la necesidad de aliviarse uno la vida y de desprenderse del peso muerto de lo acumulado porque sí.»

«Hay que estar muy despierto y muy lúcido para leer una novela. Y el grado de concentración exigido es mayor cuando se trata de una novela de Henry James, porque sus historias tratan de lo que sucede por debajo de las apariencias y lo que permanece oculto bajo las palabras que las personas se dicen entre sí, y lo que están diciendo sin decir, y lo que nunca cuentan y casi no llega a saberse, lo que es posible adivinar o intuir, sin lograr nunca una certeza, o descubriendo de golpe algo inaudito o atroz: una frase trivial segrega el veneno que intoxica una vida; en una tarde de verano, en un jardín inglés, puede irrumpir un fantasma, o se cometerá un crimen.» ➔

## **A vulva contra o patriarcado** **Os estudos só melhoraram em 1998,** **quando a urologista australiana** **Helen O'Connell descobriu o** **verdadeiro formato do clitóris, que** **se projeta internamente e é muito** **maior do que o «ponto minúsculo»** **descrito em muitos livros de** **anatomia até então.**

A Companhia das Letras publicou recentemente no Brasil o livro *A Origem do Mundo*, uma banda desenhada da autora sueca Liv Strömquist que procura contar uma história cultural da vulva, questionando o domínio masculino na transmissão de conhecimentos sobre a anatomia feminina e todas as implicações sociais e culturais desse domínio. Na Revista *Trip*, a jornalista Carol Ito escreve sobre o livro e a autora: «A vulva foi muito mal estudada ao longo da história e Liv, com um humor satírico, traz dezenas de exemplos que comprovam essa tese. É o caso do médico inglês Isaac Baker Brown (1811–1823), opositor ferrenho da masturbação feminina, que realizava cirurgias de remoção do clitóris (a clitoridectomia) com o pretexto de curar histeria, dor de cabeça, depressão, perda de apetite e o que chamava de desobediência. Os estudos só melhoraram em 1998, quando a urologista australiana Helen O'Connell descobriu o verdadeiro formato do clitóris, que se projeta internamente e é muito maior do que o "ponto minúsculo" descrito em muitos livros de anatomia até então. As justificativas para tanta negligência vão desde a falta de cientistas mulheres estudando o corpo feminino até a repressão religiosa em torno do desejo sexual.» ➔

## Um Fausto pós-moderno



### ***IDENTIDADES***

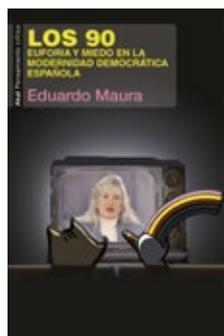
**Felipe Franco Munhoz**  
**Nós**

No seu romance anterior, que foi também o de estreia, Felipe Franco Munhoz já havia definido um território de eleição, não tanto um território bem demarcado por fronteiras sólidas, mas antes um espaço fluido, desordenado, onde as múltiplas referências, a vontade de cruzar discursos e modos da linguagem e uma inquietação permanente perante o mundo faziam eco dessa ideia de pós-modernidade onde vamos todos navegando sem saber ao certo onde se situam os portos seguros. *Mentiras*, esse primeiro romance, estabelece um diálogo com a obra de Philip Roth. Agora, *Identidades* leva a apropriação e o enfrentamento de uma certa ideia de totalidade a um outro nível, assumindo a obra-prima de Goethe como linha estruturante.

Na primeira cena de *Identidades*, um Suposto Mefistófeles surge na página. Falar em cena é a possibilidade de começar a conferir alguma análise àquilo que, apresentando-se como um romance, escapa de quase todas as regras implícitas do gênero. Este é, então, um romance que se organiza entre a dramaturgia e a poesia, fazendo avançar a narrativa em curtas vinhetas que convocam muitas vezes outras linguagens e formas de expressão, como a música – nas páginas que são pautas com todas as indicações necessárias à leitura e/ou à interpretação musical – ou a experimentação gráfica. No corpo do texto, versos e didascálias

definem as cenas e as personagens, colocando-as em confronto com o mundo e entre si. Há uma acção que avança

Como o *Fausto*, de Goethe, *Identidades* parece querer ser um texto assente na dramaturgia, mas destinado à leitura, muito mais do que à encenação. E como os textos que na viragem do século XX para o XXI instauraram a eliminação das barreiras de género, assumindo uma certa voracidade na apropriação de linguagens, é um livro onde o avançar da acção nunca se desliga da procura minuciosa pelo modo certo de trabalhar a linguagem de acordo com essa acção. «Certo», claro, de acordo com o edifício linguístico e literário que o autor vai erguendo à medida que define – e quebra – as suas próprias regras, e não à luz de qualquer programa externo ou cristalizado. O *Fausto* de Munhoz é brasileiro, urbano, precário, mas é também universal, reflexo do presente acelerado e atomizado, e por vezes futurista. À narrativa, cabe a procura aflita do que se é, ou pode ser, entre o olhar introspectivo e a certeza de nenhum ensimesmamento sobreviver à necessidade de colocar os outros em presença nessa vontade de olhar – e de tocar, e de se deixar enganar, e de voltar a tentar. Às personagens, resta avançar, às vezes para trás, deslizar o olhar pelos mapas possíveis e trapaceiros e decifrar o percurso mais seguro, ou o que melhor encena essa queda no abismo que parece ser destino, e que é, afinal, desígnio.



## ***LOS 90. EUFORIA Y MIEDO EN LA MODERNIDAD DEMOCRÁTICA ESPAÑOLA***

**Eduardo Maura**  
**Akal**

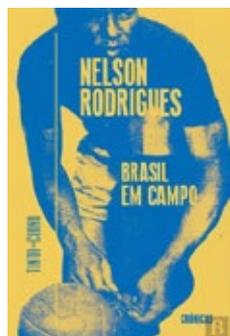
Escreve-se pouco sobre a sociedade espanhola dos anos 90, focando-se quase todas as análises sociológicas na época da transição democrática ou na crise do início dos anos 2000. Neste ensaio, Eduardo Maura centra a sua atenção nessa década, procurando perceber as marcas de uma consciência coletiva em torno da modernidade democrática e da estabilidade.



## ***DICCIONÁRIO DA ESCRAVIDÃO E DA LIBERDADE***

**Vários Autores**  
**Companhia das Letras**

Assinalando os 150 anos da abolição da escravatura no Brasil, este volume reúne meia centena de ensaios de alguns dos maiores especialistas sobre o tema, propondo um panorama crítico e de análise sobre uma prática institucionalizada que continua a ter os seus ecos funestos, no Brasil e no mundo.



## **BRASIL EM CAMPO**

**Nelson Rodrigues**  
**Tinta da China**

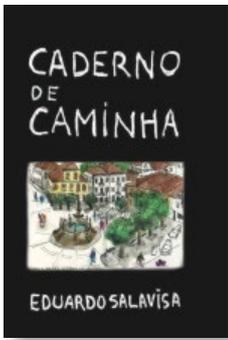
Prosseguindo a edição das obras de Nelson Rodrigues, a Tinta da China reúne setenta crónicas do autor dedicadas ao futebol, originalmente publicadas em jornais como *O Globo*, *Manchete Esportiva* ou *Jornal dos Sports*, ou retiradas de coletâneas como *À sombra das chuteiras imortais*, apenas publicadas no Brasil.



## **AS PEQUENAS HISTÓRIAS**

**Cristina Almeida Ribeiro, Miguel Filipe Mochila e Ângela Fernandes**  
**Cavalos de Ferro**

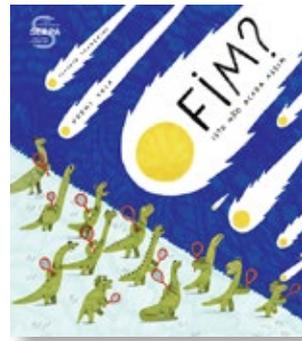
Uma viagem pela literatura de língua espanhola, percorrendo a obra de autores como Miguel de Unamuno, Ruben Darío, Horacio Quiroga ou José Donoso, com histórias breves e muitas vezes menos conhecidas. Alguns destes textos nunca foram publicados em Portugal e o conjunto configura uma visão ampla de algumas das literaturas que ajudaram a definir a identidade cultural do século XX.



## ***CADERNO DE CAMINHA***

**Eduardo Salavisa**  
**Câmara Municipal de Caminha**

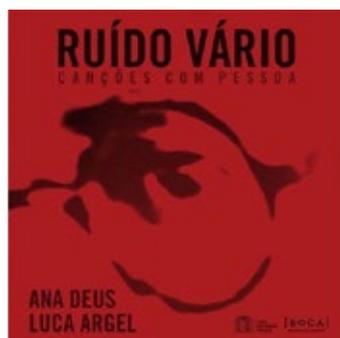
O novo livro de Eduardo Salavisa regista as suas impressões de viagem em Caminha, compondo uma narrativa ordenada ao sabor da deambulação que vai fazendo desfilhar recantos, edifícios, paisagens e pessoas. Como diz o autor na introdução: «São registos daquele local durante o momento que demoramos a fazê-lo. Não tive a pretensão de registar tudo, só registei o que me chamou a atenção. (...) Captei o que senti naquele momento. Tomei partido.»



## ***FIM? ISTO NÃO ACABA ASSIM***

**Noemi Vola**  
**Planeta Tangerina**

Este álbum é o vencedor do segundo Prémio Internacional de Ilustração que resulta da parceria entre o Planeta Tangerina e o Município de Serpa. A ideia que o orienta é metanarrativa: que finais são possíveis numa história? Criticando algumas hipóteses mais comuns, chega-se ao momento de outras sugestões. A ilustração multiplica-se, numa tentativa de comprovar a ideia principal: será possível contrariar o óbvio? A azáfama que se vive na linha de produção deixa algumas dúvidas, acompanhadas de ironia e sarcasmo.



## ***RUÍDO VÁRIO, CANÇÕES COM PESSOA***

**Ana Deus  
Luca Argel  
Boca**

A portuguesa Ana Deus e o brasileiro Luca Argel aceitaram o convite da Casa Fernando Pessoa para musicarem alguns poemas do escritor e os apresentarem no espetáculo de encerramento dos Dias do Desassossego em 2017. Este audiolivro é o resultado destas composições e faz-se acompanhar das letras, que aqui e ali alteram a ordem dos versos de um poema ou repetem versos de outro em jeito de refrão. Ouvir é diferente de ler, já que a música desassossega pela sonoridade muito fresca, mesmo que atormentada ou melancólica. A experiência reúne-se aqui.



## ***O LOBO, O PATO & O RATO***

**Marc Barnett  
Jon Klassen  
Orfeu Negro**

A dupla já é conhecida em Portugal por *Uma aventura debaixo da terra* e o humor não desilude. Aparentemente os autores têm uma certa apetência para túneis, buracos e cavernas, sejam elas de que espécie forem... Aqui, é a barriga de um lobo. Subvertem-se fortes e fracos, partilham-se estratégias para os mais cétricos perceberem. No final, enganam-se potenciais salvadores. Até porque nesta história ninguém quer ser salvo, ou quase ninguém.

Exposições  
livraria  
biblioteca  
auditório

Terça a sábado  
Abr a Set —  
10h às 13h /  
15h às 19h  
Out a Mar —  
10h às 13h /  
15h às 18h

# NASCI NA AZINHAGA SENTIMENTALMENTE SOMOS HABITADOS POR UMA MEMÓRIA



10  
ANOS  
YEARS  
ANOS



Fundação  
José Saramago



assine o  
**suplemento pernambuco**

*anual* — R\$ 60  
*bianual* — R\$ 100



o mundo  
caído  
copieo de  
pieter

sara  
figueiredo  
costa

# hugo

No Museu Berardo, em Lisboa, a exposição *Entre a Espada e a Palavra*, do fotógrafo sul-africano Pieter Hugo, ocupa várias salas do piso -1 e pode ser vista até ao próximo dia 7 de outubro.

Produzidas entre 2003 e 2016, as fotografias organizam-se em quinze séries temáticas que percorrem lugares como a África do Sul, o Gana, a China, os Estados Unidos da América, o Ruanda ou a Nigéria. Entre os domadores de hienas nigerianos, os habitantes da cidade de Musina, na África do Sul, ou os passageiros fotografados enquanto dormem num voo noturno entre Joanesburgo e Atlanta, o que une as fotografias de Pieter Hugo é a paisagem humana, nunca apresentada como generalização, mas como matéria sensível, particular, capaz de criar laços, ligações furtivas, coincidências que devem tanto aos contrastes sociais e económicos que atravessam o mundo como ao modo íntimo como cada pessoa o habita. O campo de trabalho de Pieter Hugo é o da fotografia artística, mas o seu olhar

**socorre-se de outros modos, cruzando a antropologia, o jornalismo de investigação, a procura de histórias e contextos que fazem de cada imagem uma intensa sobreposição de camadas significativas. Nessas camadas, entre o que vamos sabendo sobre os lugares e as pessoas que os habitam, as assimetrias sociais e os modos de vivência dos espaços públicos e privados, a narrativa de cada pessoa fotografada e a sua partilha criam uma abertura ao mundo, aos outros, a uma vulnerabilidade a que acedemos a partir de dentro, colocando o olhar de quem vê num plano de empatia e reconhecimento profundos.**

### **Geografia humana**

No Ruanda, entre 2014 e 2016, Pieter Hugo retrata várias crianças. O marco cronológico remete para 1994, ano do massacre no Ruanda e da eleição de Nelson Mandela como presidente da África do Sul, nas primeiras eleições democráticas do país, depois do apartheid. No texto de apresentação dessa série que abre a exposição, o fotógrafo contextualiza as imagens: «As crianças do Ruanda provocavam em mim o mesmo tipo de questões que os meus filhos. Será que carregam a mesma bagagem que os seus pais? Será que virão a ser afetadas pelo fardo da história? Aparentemente livre do passado do Ruanda e da África do Sul, a relação delas com o mundo afigura-se-me reconfortante. Mas, ao mesmo tempo, estou ciente da natureza sugestionável das suas mentes.» As crianças fotografadas não exibem qualquer marca ou vestígio que as relacione com os acontecimentos de uma década atrás, surgem ao ar livre, brincando, passeando, ocupando um espaço significativo entre a paisagem,



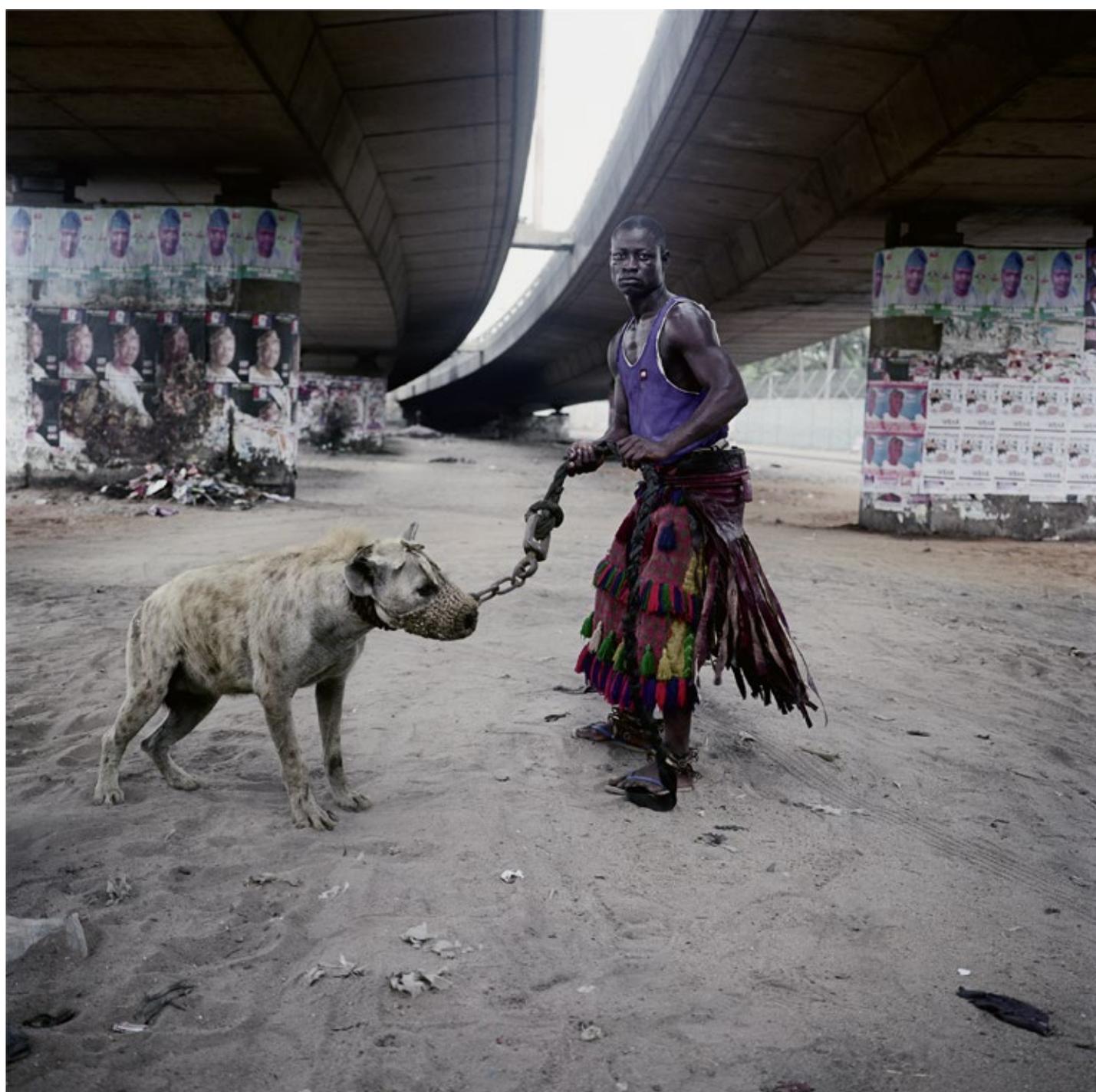
**Erro Permanente** Mercado de Agbogbloshie, Acra, Gana, 2010

mas nada as relaciona com o passado de modo direto. É o olhar questionador de Pieter Hugo a colocá-las nesse limbo cronológico perante os olhos de quem vê as fotografias.

Numa outra série, David Akore enfrenta-nos em Agbogbloshie, no Gana. Tem um cajado na mão direita, os músculos descontraídos e o olhar parece dizer que é este o preço do nosso consumo. Agbogbloshie é a segunda maior zona de processamento de resíduos

eletrônicos na África Ocidental, um imenso espaço a céu aberto onde o lixo tecnológico procedente de várias origens acaba o seu ciclo visível, convertendo-se em pequenas peças que ainda podem ter outro destino e em resíduos, muitos resíduos, quase todos extremamente poluentes. Na imagem, as fogueiras com resíduos plásticos, o fumo negro, a devastação. Há outros três homens, ou talvez rapazes, no enquadramento, mas parecem não reparar na câmara.

**Os Domadores de Hienas e Outros** Nigéria, 2005-2007



A fotografia onde surge David Akore integra a série **Erro Permanente**, composta por imagens registadas em Acra, capital do Gana, na zona entre Abossey Okai Road e o rio Odaw, completamente poluído. A questão ambiental é notória em qualquer das imagens desta série, mas são as pessoas que habitam as imagens que constroem um discurso comum a esta e às outras séries fotográficas de Pieter Hugo. Na China contemporânea, no Ruanda de 2014 (uma década depois do massacre), em San Francisco e Los Angeles, independentemente do contexto, as histórias contidas em cada uma das imagens do fotógrafo são sempre habitadas por pessoas – mesmo quando se trata de naturezas mortas, mesmo quando nenhuma pessoa integra o enquadramento.

### **Naturezas mortas onde não faltam pessoas**

Quase todas as imagens de Pieter Hugo têm pessoas, já se disse. Algumas são retratos, no sentido mais clássico de uma composição inteiramente focada num corpo e sobretudo num rosto. A série **A Olhar Para o Lado**, por exemplo, nasce da vontade de fotografar pessoas com albinismo em diferentes partes do mundo e, como explica o fotógrafo na folha de sala da exposição, evolui noutras direções: «Muitas das pessoas que eu fotografei viam mal – este é um dos efeitos colaterais do albinismo – e trabalhavam em instituições para pessoas com deficiência visual. Isto levou-me a alargar o âmbito do meu projeto, tendo passado a incluir invisuais e amblíopes. Os sentimentos de desconforto com que me deparava quando fotografava albinos também surgiam quando fotografava pessoas invisuais ou com má visão. Penso que o desconforto de enfrentar um olhar sem reciprocidade seja autoinfligido. Não é algo que os sujeitos sintam.» Este percurso que vai criando e modificando o tema e o modo de trabalhar do fotógrafo em função da relação que estabelece com os retratados e da reflexão que se desenvolve ao longo do



**A Olhar para o Lado** África do Sul, 2003-2006

processo parece ser constante no modo de ver e registrar o que vê, e como vê, de Pieter Hugo. Nesse processo, há uma relação profunda que se cria com o contexto e com a narrativa de cada pessoa e é nessa relação que assenta a força visual das composições do fotógrafo, bem como os muitos níveis de leitura que se podem acrescentar a

uma primeira visualização, quase sempre a centrar a atenção nas pessoas retratadas, mas logo depois extensível ao que as rodeia e ao modo como o que as rodeia – ou o que lhes falta – é parte tão intrínseca da sua história.

As naturezas mortas que integram esta exposição, espalhadas por algumas das séries, impressionam pelo modo como parecem conter tantas narrativas humanas sem que nenhuma pessoa surja nas imagens. Na série **Conversas em Torno de uma Sopa de Massa**, com fotografias feitas na China, entre 2015 e 2016, há uma imagem que mostra vários frutos e pedaços de cascas abandonados no chão. Depois das fotografias onde se veem famílias chinesas nas suas casas, rodeadas pelos objetos do quotidiano que nos dão a ver o contraste entre a China maoista e a nova China onde socialismo e capitalismo

**Ruanda, 2004: Vestígios de um Genocídio** Ruanda, 2004





convivem de um modo tantas vezes difícil de perceber, estes pedaços de frutas e cascas espalhados no chão parecem anunciar essas mudanças profundas atravessadas por vestígios de um passado recente, ao

mesmo tempo que dão a ver a variedade, as diferenças – reafirmadas noutras imagens da série, retratos de jovens cujo aspeto físico e traços identitários afirmados através de adereços, roupas, tatuagens e outras marcas que se acrescentam ao corpo – não deixam de conter um certo olhar perante aquilo a que chamamos exótico, não no sentido erróneo de “estranho”, mas no sentido etimológico, aquilo que está fora do alcance da nossa vista.

Na série **Flores Silvestres da Califórnia**, em que Pieter Hugo fotografa pessoas sem-abrigo em São Francisco e Los Angeles, há uma fotografia onde se vê uma mala de viagem. No chão de uma rua, aberta, a mala exhibe um forro vermelho vivo. Está vazia e abandonada, não sabemos a quem pertenceu ou pode vir a pertencer, e da rua vê-se apenas um pouco de asfalto. É uma natureza morta que parece conter todas as histórias de abandono, desespero, vício e solidão que se espalham à volta, nos retratos que compõem a série, e onde cada pessoa é retratada com um interesse e uma atenção a que só podemos chamar dignidade. É na mala vazia que se arrumam os olhos baixos de quem vê estas imagens no conforto do ar condicionado da sala de exposições. Para os retratados, é impossível não guardar uma genuína curiosidade por cada narrativa, cada modo de ocupar um pedaço de mundo com o corpo e o que nele se guarda, sempre criada por esse modo profundamente empático que Pieter Hugo coloca no olhar que antecede o disparo do diafragma.

Uma outra natureza morta, esta integrando a série **Laços de Família**, com imagens feitas na África do Sul entre 2006 e 2013, mostra um banco forrado a napa branca onde um conjunto de fissuras assinala o desgaste do material. A fotografia foi captada no lar de terceira idade Arcadia Place, na Cidade do Cabo, e talvez seja uma das imagens com maior força visual e emotiva, uma daquelas imagens capazes de perdurar na retina muito depois de abandonada a exposição. Uma vez mais, não há pessoas no enquadramento, mas o rasgão que se forma na napa do banco tem a eloquência de um



**A Viagem** 2014



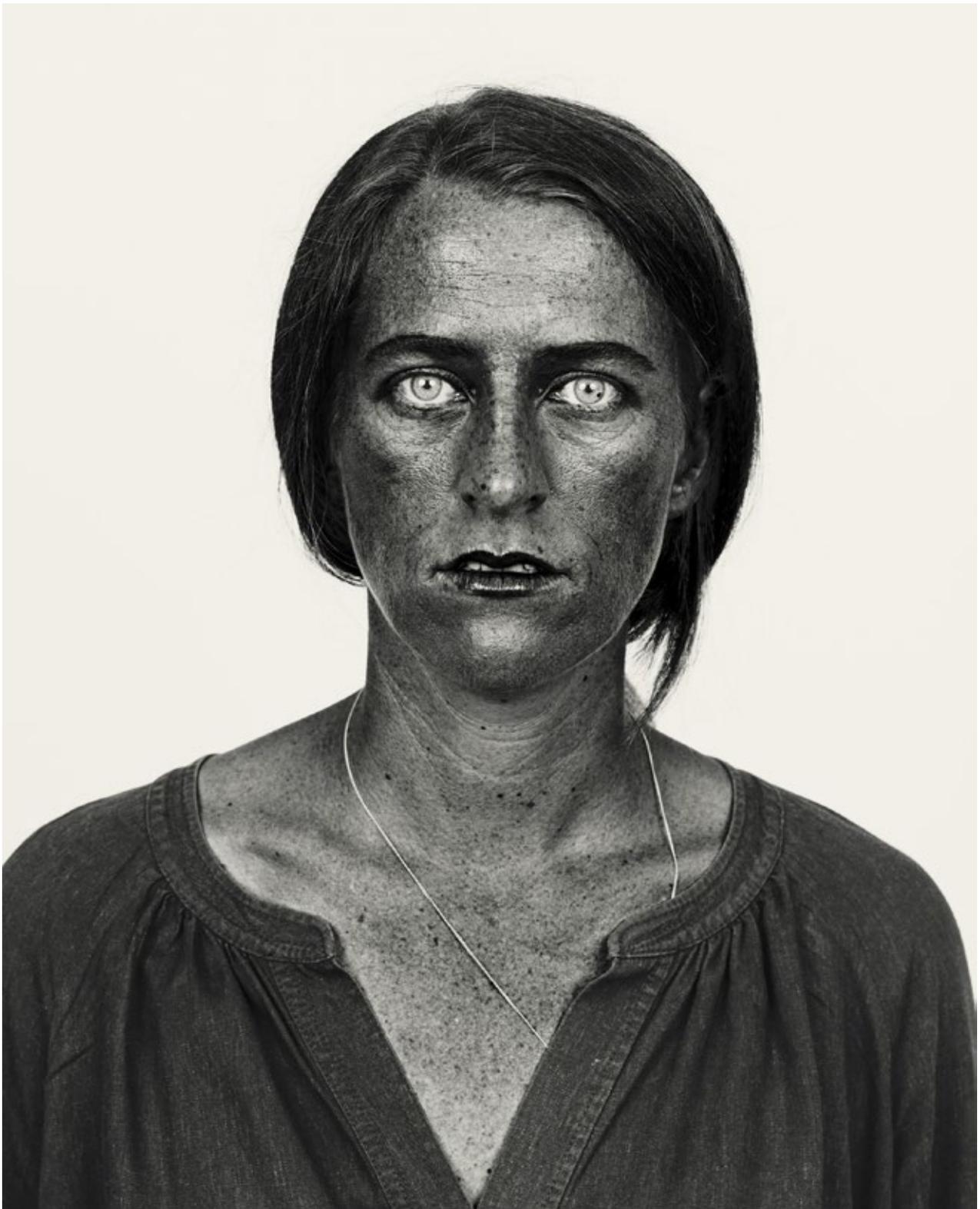
**Laços de Família** África do Sul, 2006 e 2013

mapa cronológico, ecoando as histórias de todos quantos passaram pelo Arcadia Place, mas também as histórias que os antecederam e que, de muitos modos, acabaram por integrar as suas.

É essa, afinal, a linha condutora de uma exposição tão extensa. Independentemente dos lugares, das histórias que os contextualizam e dos elementos visuais mais ou menos cênicos que ajudam a compô-los, são as narrativas das pessoas que definem a matéria primordial de cada imagem. Tratadas com uma igualdade notória, as pessoas retratadas são as testemunhas das suas próprias histórias, partilháveis, passíveis de serem colocadas em confronto ou associação, e sempre criadoras de uma empatia que nos coloca, aos espectadores, no centro nevrálgico de um mundo feito de muitos mundos

– o possível, o insuportável, o que queremos mudar, aquele de que o balanço do tempo não nos deixa fugir, o mundo que só partilhamos porque todos carregamos a nossa própria narrativa e a vontade indômita de a cruzar com a de outros.

**Há um Lugar para Mim e para os Meus Amigos no Inferno** África do Sul, 2011-2012



**A CASA DA ANDRÉA**

**O TRIUNFO  
DAS  
MÃES**

**ANDRÉA ZAMORANO**

**Uma mulher num gramado de futebol,** ao lado dos seus três filhos, levantando o maior troféu do desporto mundial, ela se chama Yeo Moriba e ignorando o protocolo mais pateta do planeta – só campeões, ex-campeões mundiais e chefes de estado podem «tocar» na taça – a mãe do jogador francês Paul Pogba protagonizou um dos momentos mais emocionantes de todo o campeonato do mundo de futebol quando, sem hesitações, levantou o caneco que merecidamente o seu filho mais novo acabava de conquistar na Rússia. E não numa qualquer Rússia mas na de Vladimir Putin.

Mulher, negra, muçulmana, divorciada, imigrante em França de uma ex-colónia do ex-império francófono, a imagem de Yeo Moriba com as duas mãos na taça representa tudo isso, a vitória dos oprimidos, nem que seja só por alguns minutos, segundos apenas. Aquele gesto correu o mundo por serem milhões os que se reviam em Yeo mas não só.

A imagem de Yeo abraçada ao seu menino campeão e em seguida levantando o troféu, para além de toda a força de representação simbólica no atual estranho mundo em que vivemos, é também a celebração da sua conquista enquanto mãe. Quando Yeo ergueu a taça é movida antes de mais pela genuína emoção de ver o seu filho vencer.

O mesmo orgulho vi um dia descer dos olhos de Dona Dolores Aveiro quando o seu filho recebeu pela primeira vez o título de melhor jogador do mundo. Dona Dolores também desprezou as regras de etiqueta – tão ou mais patetas que as anteriores – e mesmo que soubesse que todos os meios de comunicação tinham as câmaras focadas no seu rosto, deixou-se tomar pela emoção e chorou secando depois as lágrimas com a echarpe para espanto do comentadores televisivos.

Yeo Moriba, Dolores Aveiro, Marias, Anas, Madalenas ou Jussaras são feitas da mesma matéria: de luta, de sacrifício, de perseverança e de amor, muito amor pelas suas crianças. Tantas vezes em situações de extrema adversidade, como caso de Yeo que saiu do seu país em meio a uma guerra civil para instalar-se com os dois filhos gémeos ainda bem pequenos num bairro no subúrbio de Paris que os media gostam de designar como problemático; ou Dolores Aveiro que cheia de coragem e medo enviou, com dez anos de idade, o pequeno Roni – era assim que Cristiano Ronaldo era tratado em casa, na distante Ilha da Madeira – para o continente, sozinho, com a missão de perseguir o seu sonho de ser grande e a enorme responsabilidade de salvar a família da miséria. Quantas lágrimas terão chorado essas mães?



Ao entregar a taça à sua mãe, Paul Pogba, ciente das patetas regras da FIFA e dos seus trinta e sete milhões de seguidores nas redes sociais, não está apenas a quebrar um protocolo, está acima de tudo está a reconhecer que o seu triunfo é o triunfo da sua mãe. E a agradecer o seu sacrifício, o seu esforço e a sua luta assim como a de tantas outras mães anónimas do mundo que sofrem e sorriem nas batalhas travadas quotidianamente para que os seus filhos tenham oportunidades. Parabéns, Pogba e que se lixem todos os protocolos e etiquetas palermas que alguém terá inventado sabe-se lá para quê. Eles não se aplicam às mães. Elas podem tudo. Nós podemos tudo. Sejam todas Yeo Moriba.



CASA JOSÉ  
SARAMAGO  
ÓBIDOS CITY OF LITERATURE

EM ÓBIDOS



AMIGO DE  
SARAMAGO  
SEJA AMIGO DA  
FUNDAÇÃO  
JOSÉ SARAMAGO  
E DESFRUTE  
DAS VANTAGENS

[www.josesaramago.org](http://www.josesaramago.org)

 Fundação  
José Saramago

Casa dos Bicos  
Rua dos Bacalhoiros, 10, 1100-135 Lisboa  
Tel. (+ 351) 218 802 040  
[www.josesaramago.org](http://www.josesaramago.org)



Agora o Sócio Gerador  
vem com o cartão para  
a cultura portuguesa.

+ experiências  
+ descontos  
+ assinatura  
Revista Gerador

Sabe tudo em  
[gerador.eu/cartao-socio-gerador](http://gerador.eu/cartao-socio-gerador)

**retractors**

**W**

**MEMORIAL**

**MEMORIAL**

# Avós

andrea  
brites

**Em julho comemora-se o Dia dos Avós. Em época estival a *Blimunda* escolhe uma galeria de álbuns editados em Portugal com ou sobre avós para pensar como são eles refletidos nas narrativas para os mais novos.**

## O QUE VALE O TEMPO

Se há um álbum icónico sobre o tema é precisamente **Avós** (Chema Heras, Rosa Osuna), da Kalandraka. A primeira edição portuguesa tem quinze anos e marcou uma perspetiva nova. A narrativa centra-se num casal idoso e no confronto entre a resignação perante uma idade que limita e a aceitação dessa idade sem vergonha. Enquanto a avó resiste ao convite do avô para irem ao baile, ele contraria todos os seus argumentos, encontrando beleza na sua aparência marcada pelos anos. A avó, por seu turno, tenta esconder a imagem em maquilhagem, cremes e roupa. Por fim, graças à insistência do avô, recusa todas as estratégias e assume feliz o que a sua cara e o seu corpo significam. É uma história de amor, uma história do tempo que passa na vida de um casal e que se valoriza mais do que tudo. Vale este amor a apologia contra os estereótipos que a sociedade embrenhada na imagem da juventude nos quer impôr. As ilustrações dão conta dessa felicidade, da cumplicidade e do amor do par, atingindo a consagração no momento do baile. Nada no texto nem na ilustração remete para

### AVÓS — CHEMA HERAS E ROSA OSUNA





filhos ou netos, é do casal que se fala. Todavia, a força do título torna a narrativa ainda mais poderosa e próxima, já que os avós muitas vezes parecem existir apenas para os descendentes, e nunca para si. Este álbum, com a sua poética aditiva, ensina-nos a ver os que nos são próximos na sua identidade e não como se a sua existência só tivesse sentido em função da nossa. A voz que lemos é a dos avós, ninguém fala por eles.

Todavia, o primeiro álbum que aborda o tema chega pela mão daquela que se pode considerar a grande precursora do álbum em Portugal. Manuela Bacelar escreve e ilustra **O Meu Avô**, que sai em 1990 pelas Edições Afrontamento e continua a ser reimprimido e a estar disponível nas livrarias. Ao contrário do álbum posterior, da Kalandraka, este avô é retratado pelo neto e tudo o que chega ao leitor passa pelo crivo de interesse do personagem infantil, que se dedica a comparar os dois. Com o humor que lhe é próprio, Manuela Bacelar recorre a tópicos recorrentes como a altura ou o uso de óculos, que sempre aliciam os mais novos: «Quando o meu Avô não põe os óculos, vê muito mal, e quando eu ponho

os óculos do meu Avô, vejo muito mal também.» O discurso é de uma simplicidade comovedora mas encerra, a par dos recursos mais comuns, outros que subtilmente introduzem perspetivas renovadas. A profissão do avô é tradicional, contudo não era comum ver-se um homem a cuidar do neto, preparar-lhe o lanche e cozinhar para ele. Outro aspeto curioso é o da horta e dos animais. Numa leitura mais apressada, a escolha da quinta pode fazer crer que este avô vive no campo, e mais uma vez tudo corresponderia a esse padrão de avô encaixado num tempo passado. A ilustração, contudo, não permite tal associação. Por trás da colorida casa do avô, com a sua horta cuidada, erguem-se retângulos até ao céu. O Avô preserva o seu quintal na cidade, onde vai buscar o neto à escola, lhe dá lanche e brinca com ele. Bacelar inverte o óbvio e dá, a este menino, uma lógica que desloca este avô para um lugar idêntico, mesmo que com mais altura. Afinal, é o avô que anda de gatas, brinca aos índios, cozinha doces

## O MEU AVÔ — MANUELA BACELAR



porque o meu Avô  
é pasteleiro.



## O MEU AVÔ — MANUELA BACELAR

e tem a casa sempre a cheirar bem. Não há tempo como o presente. E nada mais interessa.

Mais de uma década depois, Catarina Sobral cria um avô renovado, cheio de referências literárias e artísticas, que recebe o mesmo título do álbum de Manuela Bacelar. Desta feita não é uma pessoa apaixonada por outra e sim pelo tempo que tem. Em **O meu avô** (Orfeu Negro) o passado que a muitos angustia precisamente porque já passou e recorda cinicamente que a morte se aproxima não deixa saudades a este homem. O avô, cuja rotina se apresenta em geométrica oposição ao do vizinho mais novo, aproveita cada parte do seu dia para fazer exatamente o que lhe apetece. O texto acompanha o avô, enquanto a sucessão de imagens silenciosas seguem a azáfama do Dr. Sebastião que anda sempre apressado, come fast food, almoça no escritório e desespera no trânsito. O avô, pelo contrário, passa tempo com amigos, aprende alemão, cultiva a horta, cozinha, lê, vê álbuns de fotografias, faz ginástica,

passeia o seu cão e brinca com o neto, o narrador. É aliás a voz do neto que torna o texto interessante, já que é ele quem considera que o avô faz muitas coisas e que, a terminar, afirma: "O tempo voa quando estou com o meu avô." Para o adulto, este avô é uma pessoa privilegiada que deixou de ser escravo do tempo e permite-se gozá-lo como bem entende e com a duração que escolher. A dupla perceção esconde um terceiro sentido, que aproxima este álbum de 2014 de Avós: o neto encaixa na vida do avô e não o contrário. A única referência textual à sua participação na vida da criança é quando o menino diz que ele "ainda tem tempo para ir buscar-me à escola." Todavia, o menino está com o avô em casa quando ele faz aviões de papel com o jornal, no cadeirão a ver fotografias ou na cozinha preparando linguine e outras massas italianas. Mesmo no piquenique com os amigos o menino brinca perto e na horta partilham o cultivo e a observação dos pássaros.

## O MEU AVÔ — CATARINA SOBRAL





## O MEU AVÔ — CATARINA SOBRAL

Tudo está na atitude e na forma como este avô se apresenta: afinal é o seu tempo e o neto pode ou não estar presente, o que realmente importa é que conhece e valoriza o avô pela pessoa que é.

Sobre tempo é também **As Duas Estradas**, (Planeta Tangerina, 2009) uma narrativa dupla de uma viagem, por um lado a mãe com dois filhos e por outro um neto com os avós. Uns vão pela estrada nacional e outros pela autoestradaauto-estrada. Uns chegam antes, outros depois. Uns comem na estação de serviço, outros fazem um piquenique. Todos se enganam, a certa altura, no caminho. Quem conta a história de cada viagem são as crianças. A pergunta que se impõe: quem vai pela autoestrada e quem vai pela nacional? Se perguntarmos aos leitores antecipadamente, dirão que os avós vão pela Nacional. Isabel Minhós Martins e Bernardo Carvalho trocam-nos as voltas. Quem quer chegar depressa são os avós, não a mãe. A mãe aproveita a viagem como passeio, para ver

o que, podemos presumir, não terá tanto tempo para ver, ou talvez ainda não tenha visto. Os avós, por seu turno, saem tarde, comem na estação de serviço, ligam o rádio, ligam o ar-condicionado, telefonam, veem as indicações no mapa e chegam antes de todos os outros. Nada mais se diz sobre si, porque o pensamento do menino é sobre a viagem em si, sobre o que se comenta, sobre o que se pensa, sobre o que se vê. A subversão reside apenas no constatar do preconceito de que a partir de uma certa idade não se consegue ter pressa, não se consegue acompanhar o progresso, não se tem as mesmas opções. Romper com estes preconceitos é romper com uma determinada imagem de família.

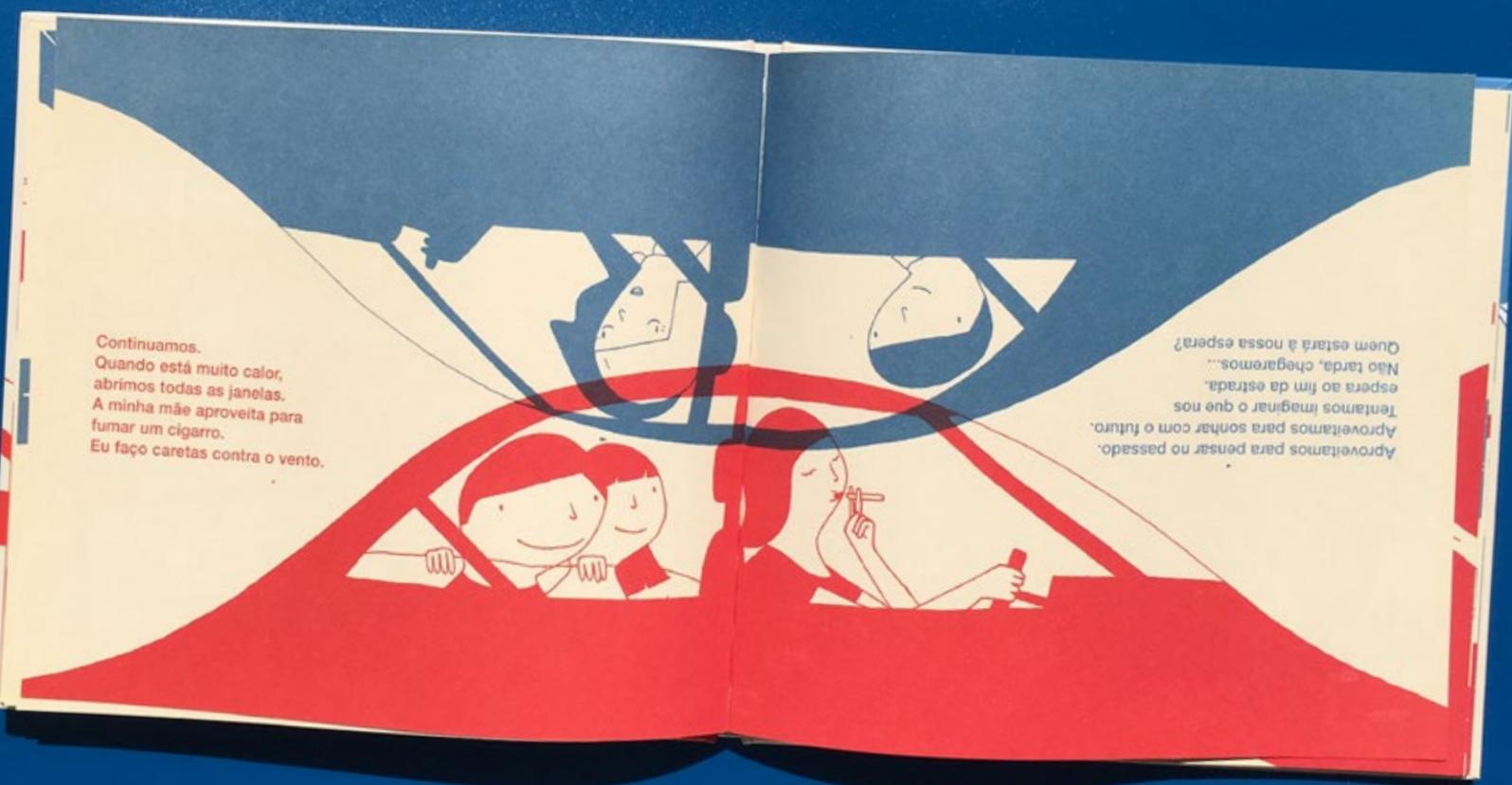
## UMA HISTÓRIA BOA DE CONTAR

Os avós estão associados à memória, às experiências que herdamos sem as termos vivido, a fotografias de outras roupas,

### DUAS ESTRADAS — ISABEL MINHÓS MARTINS E BERNARDO CARVALHO

Continuamos.  
Quando está muito calor,  
abrimos todas as janelas.  
A minha mãe aproveita para  
fumar um cigarro.  
Eu faço caretas contra o vento.

Aproveitamos para pensar no passado.  
Tentamos imaginar o que nos  
espera ao fim da estrada.  
Não tarda, chegaremos...  
Quem estará à nossa espera?





## **DUAS ESTRADAS — ISABEL MINHÓS MARTINS E BERNARDO CARVALHO**

outras cores, outras modas, outras casas e lugares. Para além do google, do youtube, e de todas as viagens virtuais, as histórias dos avós têm o dom de nos revelarem um pouco de nós próprios e da nossa razão de existirmos. Em três livros distintos, essa mensagem é notória.

***O rosto da avó***, de Simona Ciralo (Orfeu Negro) transpira carinho desde a capa, com a neta abraçada ao pescoço da avó. Os dois rostos, o da menina muito esticado e o da avó com as rugas do tempo, são o motivo para a biografia. Tudo começa numa festa de aniversário da avó e com a apreensão da criança por não lhe reconhecer nas expressões sentimentos claros. Quando resolve inquirir a avó, esta propõe-lhe um desafio irrecusável: se cada ruga é uma memória, porque não explorá-las? Assim a menina acede a momentos inesquecíveis, felizes e tristes, da vida da avó: a descoberta de uma gata com a sua ninhada, um piquenique com

as amigas, o dia em que conheceu o avô, o vestido de casamento da irmã, a necessidade de partir e claro, o seu lugar nas memórias mais valiosas deste mapa.

**A manta**, da dupla Isabel Minhós Martins e Yara Kono (Planeta Tangerina) tem também uma ideia de narrativa semelhante. Desta feita a memória não está nas rugas mas no patchwork de uma manta que a avó, agora desaparecida, foi enriquecendo com restos de tecidos importantes. A disputa familiar por aquela herança denota a importância da memória para manter a avó por perto e ainda continuá-la, tal como se propõe fazer a neta, narradora. O que o álbum oferece é uma visão alegre da avó, apaziguadora da sua morte, através da recordação de episódios de um quotidiano mais distante ou mais próximo, que remete para uma família que é também uma imagem do país. A leitura de **A manta** vai de nascimentos a topelias de crianças, de

## O ROSTO DA AVÓ — SIMONA CIRAOLO



A princípio, estranhávamos o colchão duro  
e os cobertores pesados, mas, passados alguns minutos,  
não havia no mundo melhor lugar para adormecer.

A minha avó aquecia-nos os pés e contava-nos  
histórias antigas até o sono nos vencer.  
Não contava histórias de um livro porque não precisava.

Tínhamos a manta.

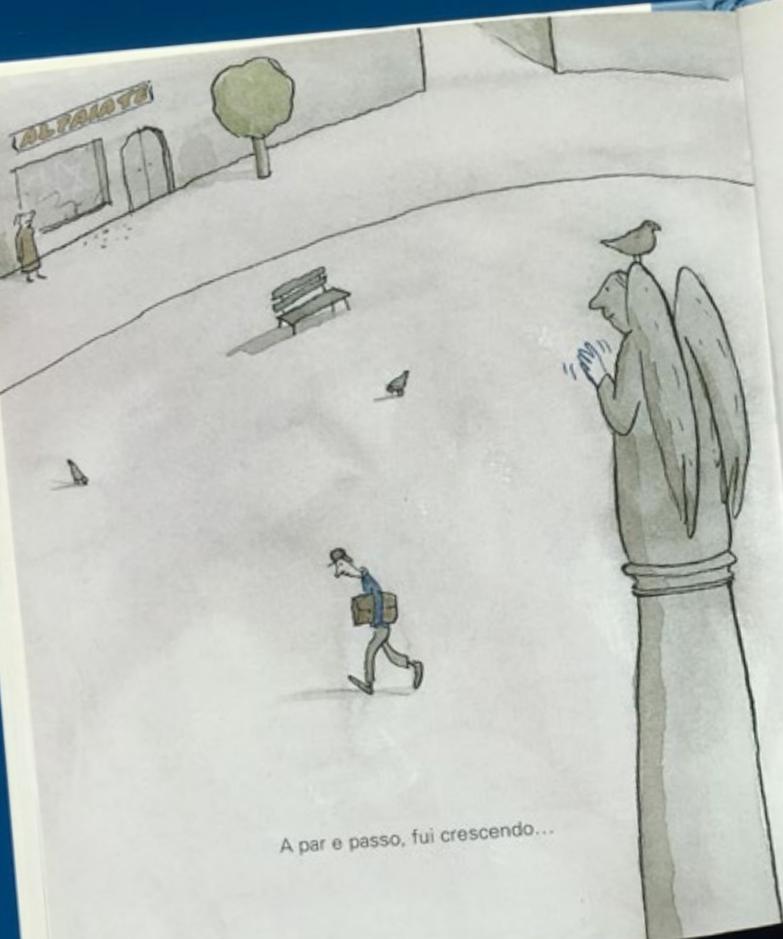


férias a viagens, da guerra colonial à luta contra a ditadura. Sem mais do que penquenas referências, esta avó com a sua manta é a fiel depositária de uma memória bem mais alargada. E é também a impulsionadora de novas memórias, novas vivências partilhadas, sem ruturas.

**O Anjo da Guarda do Avô**, de Jutta Bauer (GATAfunho) é uma história mais crua, embora com o seu quê de humor. Começa apresentando o avô deitado numa cama que bem pode ser de hospital, rodeado de cores frias e o neto que chega, comentando como o avô sempre gostara de lhe contar histórias. É possível que as crianças não reconheçam a arrastadeira debaixo da cama, mas a autora alemã não se furtou a incluí-la. O avô apresenta-se numa fase degradada da sua vida mas o neto nem parece reparar. Rapidamente o avô inicia um relato biográfico desde os tempos da infância até ao momento em que se encontram, destacando-se

como principal motivo narrativo um anjo da guarda que sempre o protege sem que ele alguma vez o encontre ou pressinta. Assim, o menino que não cai porque o anjo da guarda da Praça o segue e ampara vai crescendo e experimentando saltos, brigas, mergulhos, e desafios cada vez mais perigosos. Até ao momento de viragem com o nazismo e o crescimento acre. Como se sabe os anjos não têm sexo, mas este assemelha-se demasiado a uma avó grande com variações de humor bastante notórias! E continua sempre a acompanhar o rapaz nos tempos maus. Não consegue impedir que sofra, consegue apenas pequenas coisas que podem minorar o seu sofrimento. O rapaz cresce, sofre com a autocracia, depois com a guerra e a fome, a dureza e a precariedade dos trabalhos. Mas, como os adultos já sabem e as crianças ainda não, as coisas mudam e melhoram e este rapaz conhece uma rapariga, apaixona-se, tem filhos, melhora o seu nível de vida, tem uma casa, um carro, e

## **O ANJO DA GUARDA DO AVÔ — JUTA BAUER**





## O ANJO DA GUARDA DO AVÔ — JUTA BAUER

chega a ter um neto, aquele que ou ouve hoje, depois de terem brincado e passeado ao longo de alguns anos. O avô faz o balanço da vida, e o balanço é bom. O que acontece depois depende de cada leitor: fechar os olhos significa fechar os olhos. A última ilustração renova o ciclo da vida, quando o menino sai do hospital e é seguido pelo mesmo anjo da guarda que ele, à imagem do avô, não sabe que existe.

### ESTAR E JÁ NÃO ESTAR: A AUSÊNCIA

A morte pode aparecer disfarçada ou não. No entanto, em nenhum dos dois álbuns seguintes, **A ilha do avô** (Benji Davies, Orfeu Negro) ou **A avó adormecida** (Roberto Parmeggiani, João Vaz de Carvalho, Kalandraka) a palavra morte está presente. Se o primeiro é um relato dessa viagem, que é por um lado uma despedida e por outro um recomeço, o segundo narra um

processo de demência até ao sono pré-morte. Neste diálogo, o primeiro tem um final aberto e pode até ser lido apenas como um grito de independência, de libertação do avô. Apesar disso, há pequenos detalhes que criam ambiguidades, como o facto de na ilha os animais o ajudarem e ele já não precisar de bengala. A carta que o neto recebe, por outro lado, parece confirmar que a ausência do avô é real. Será? Por seu turno, o menino que visita a avó adormecida há um mês, lamenta a sua ausência apesar de ainda estar junto do seu corpo inerte. Lendo-lhe o livro favorito e segredando promessas ao seu ouvido, o que o menino deseja é que a avó regresse. E que regresse como era antes de começar a ter comportamentos estranhos. O neto tem saudades da avó que conversava com ele, que o abraçava, que lhe fazia mimos. O final dignifica a vida, tanto quanto o sonho e a necessidade de acreditarmos que a morte não é o fim. A perda como ausência é

## A ILHA DO AVÔ — BENJI DAVIES

Lançaram âncora e desceram para terra firme.  
- Avô, não queres a tua bengala?  
- Não, estou bem assim - respondeu o Avô.

Ali, na floresta densa, fazia muito calor.  
- Temos de encontrar um bom abrigo - disse o Avô.

## A AVÓ ADORMECIDA — ROBERTO PARMEGGIANI E JOÃO VAZ DE

Olho-a fixamente, espero por um movimento que seja,  
e depois acaricio-lhe o nariz para lhe fazer cócegas.  
Antes de me despedir, sussuro-lhe um segredo ao ouvido,  
sempre o mesmo: digo-lhe que quando for grande  
vou ser como ela, vou cozinhar o melhor esparguete  
à bolonhesa do mundo.



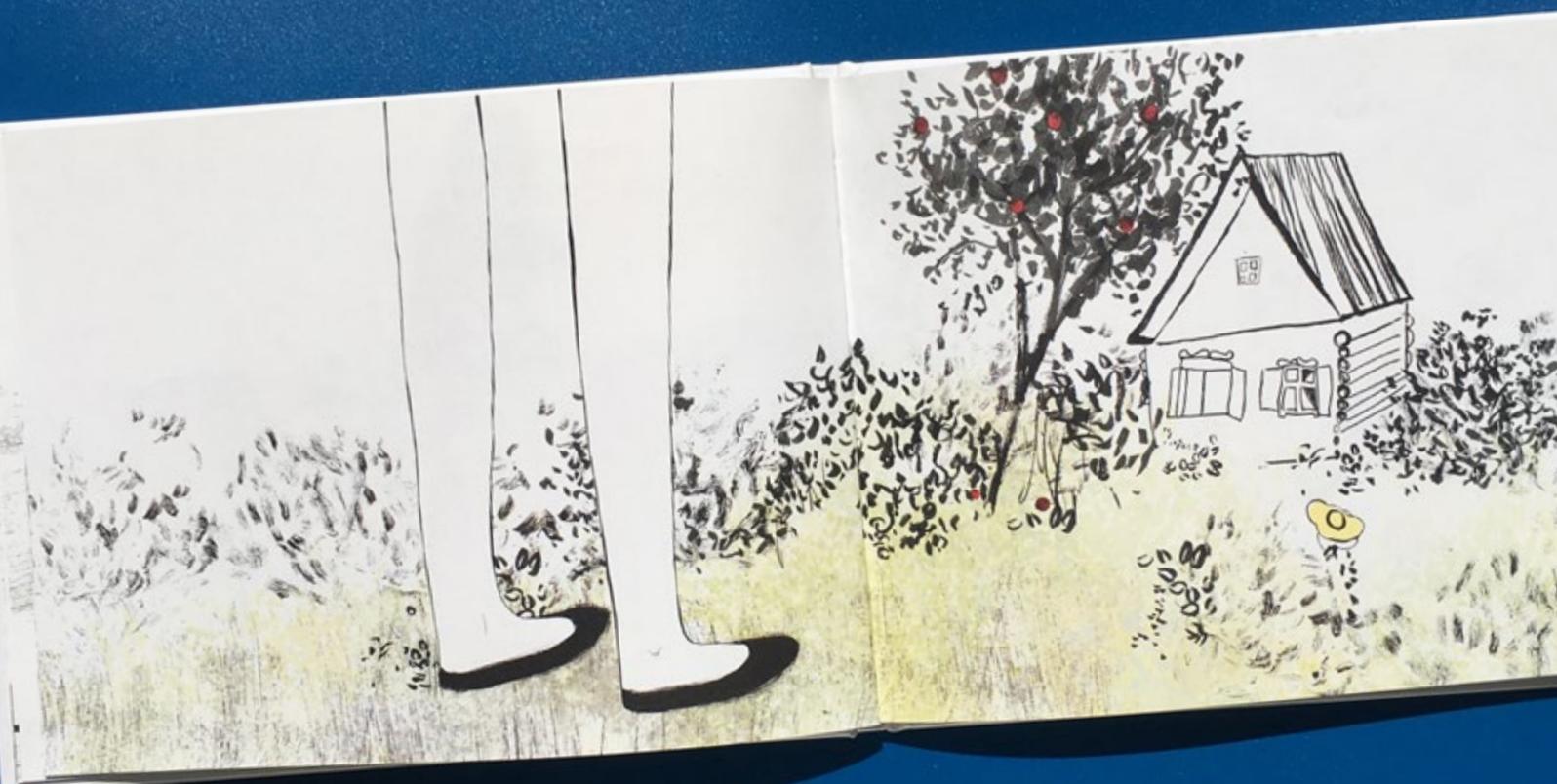
## A AVÓ ADORMECIDA — ROBERTO PARMEGGIANI E JOÃO VAZ DE CARVALHO

o mote dos dois álbuns. Contudo, para essa falta irremediável há esperança, a esperança consumada num final feliz para o outro. Há em ambas as narrativas esse desejo comum dos netos que resulta de um sentimento maior: a perda tem mais sentido se os avós estiverem felizes. Na impossibilidade de sabermos se isso é possível, as crianças aceitam o que o contexto lhes oferece, seja o sótão do avô e a carta trazida pelo tucano, sejam as palavras reconfortantes da mãe que abrem caminho para o príncipe encantado que leva a avó depois do beijo. Fantasia, imaginação ou qualquer outro catálogo, o mais importante é acreditar. Porque a morte, sem nada mais a acompanhar, é um acontecimento avassalador. O que os dois meninos partilham na sua narração é a hipótese, que todos e qualquer um temos, de acreditar numa alternativa para a ausência definitiva.

## AO INVÉS, NÃO ESTAR E VOLTAR

Por falar em esperança, por falar em acreditar, por falar em ausência, finalizamos esta galeria com um álbum sem texto de uma poética visual e narrativa comovedora. **O regresso** conta o momento em que uma neta adulta parte da cidade para visitar a sua avó, no campo. A preto e branco, com laivos de um vermelho cheio de força e sentido e um amarelo de tom variável que liga elementos, Natalia Chernysheva procura perspectivas para mostrar ao leitor como se veem as duas no reencontro. A neta é uma gigante perante uma avó minúscula. Será uma a força e outra a fragilidade? Será a força própria da juventude e a fragilidade própria da velhice? Ou tudo se cinge ao comentário que não consta do livro mas bem podemos imaginar: "Estás tão crescida!?" O mais belo está na inversão de papéis, provocada pelo odor da comida da avó quando chega a hora de ir para a mesa. A menina rapidamente regressa à sua condição de criança e o chapéu da avó,

### O REGRESSO — NATALIA CHERNYSHEVA





## **O REGRESSO — NATALIA CHERNYSHEVA**

outrora pequeno, parece imenso na sua cabeça. A mesa ganha tamanho suficiente para que se esgueire para debaixo dela e por fim, no regaço da idosa há muito espaço para ficar encaixada num abraço. Quem vê quem assim? A avó que nunca deixou de ver a neta criança? A neta que recorda a infância? Ou ambas, nas suas memórias que, apesar dos dois ângulos, se reúnem nas mesmas manifestações de carinho?

**O Regresso** (Bruaá) é uma ode ao amor, uma ode à alegria recuperada pelo encontro, uma ode aos lugares de onde partimos e a que devemos sempre regressar porque ali estão aqueles que nos ajudaram a crescer e, íntima e secretamente, a partir. Os avós são também, para além de tudo o mais, aqueles que para nós estão sempre nesse lugar, físico e afetivo, que para nós não muda.

Nesta galeria traçamos um percurso de respeito, de olhar atento e de emoções que traz para a narrativa do álbum os sentidos mais valiosos da palavra avós.

and the winner is...

**PRÉMIO NACIONAL DE ILUSTRAÇÃO**

Madalena Matoso pelas ilustrações do álbum *Não é nada difícil*, Planeta Tangerina

**Vencedor**

**NÃO É  
NADA DIFÍCIL**

**O Livro dos Labirintos**



**Madalena Matoso**

**PLANETA TANGERINA**

Abigail Ascenso pelas ilustrações do livro ilustrado *A Noite*, com texto de Manuel António Pina,  
editado pela Assírio e Alvim

# ***Menção especial***

**Manuel António Pina**

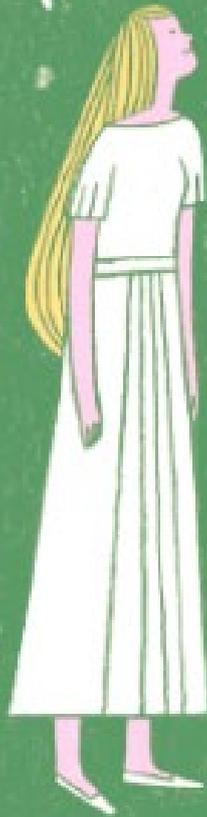
**Abigail Ascenso**

**ASSÍRIO & ALVIM**

Joana Estrela pelas ilustrações de *A rainha do norte*, com texto seu,  
editado pelo Planeta Tangerina

# Menção especial

 Planeta Tangerina



A Rainha  
do Norte  
joana Estrela

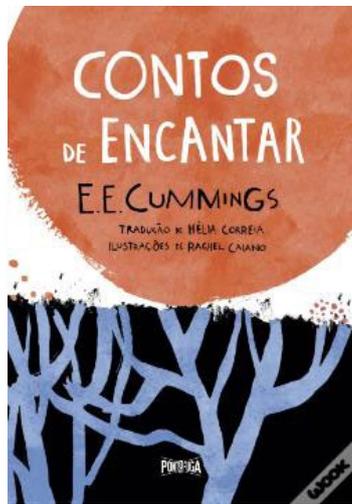
De notar que nesta que é a 22.ª edição do PNI o trabalho de Madalena Matoso volta a merecer destaque mas, pela primeira vez, com um álbum inteiramente pensado, ilustrado e escrito por si. Por outro lado as duas menções são atribuídas a duas estreadas, o que revela que a ilustração portuguesa continua a renovar-se com grande qualidade.

# espelho meu

ANDREIA BRITES

## **CONTOS DE ENCANTAR**

**E.E.Cummings**  
**Rachel Caiano**  
**Ponto de Fuga**



O paratexto não causa dúvidas: o poeta americano, um dos grandes do séc.XX., assina estes quatro contos encantados que se apresentam nesta edição portuguesa traduzidos pela autora Hélia Correia, escritora de pendor onírico, bucólicos e com especial ligação ao universo encantatório das fadas. A ilustração fica a cargo de Rachel Caiano que escolhe elementos centrais e os representa com formas naïfs e vívidos estados emocionais.

O que esperar da leitura? Os títulos são sugestivos e se excluirmos «O elefante e a borboleta» em que a associação só poderá provocar alguma curiosidade pela tamanha diferença de tamanho e força, os restantes três trazem consigo uma certa dose de estranhamento. No seu desenrolar confirma-se essa substância diegética inverosímil, da ordem do maravilhoso. Afinal, porque espera o homem que repetidamente diz porquê, triste, solitário, sentado na lua? E que equívocos podem suceder quando a protagonista se chama Eu? Para não falar da amizade entre uma casa e um pássaro... Tudo no ritmo de Cummings é cadenciado, lento, pausado. As descrições privilegiam relações invulgares, objetivando o abstrato e abstraíndo o concreto. Sons, odores, paladares são sinónimos de afeto e os quatro contos, cada um à sua maneira, elegem a amizade, o amor, a descoberta do outro como tema central, por muito inusual que seja cada relação. A liberdade, a crença, a perseverança são outros dos valores que imperam neste mundo de encantar. Aqui um elefante consegue entrar na casa de uma borboleta e ela consegue, com a asa, abrir a porta de casa do elefante. Mais, o elefante pode passear abraçado com a borboleta, tudo isto muito suavemente. E as árvores podem comentar a alegria de verem os dois gostarem tanto um do outro. O encanto está aqui, nesse infinito possível em

que o diálogo também não tem fronteiras. Todos podem falar com todos. Todos podem ouvir todos. Todos se compreendem.

A universalidade do maravilhoso, a sua intemporalidade, a surpresa das relações, as repetições binárias, os pleonasmos, tudo encaminha o leitor para uma ingenuidade fundadora. Conta Hélia Correia no prefácio que Cummings escreveu estes contos para a filha, que desconhecia ser ele o seu pai e que depois, na idade adulta, foi o próprio escritor quem lho revelou, assim como lhe terá oferecido as histórias. A única razão para a escritora destacar o episódio prende-se com o mesmo efeito de felicidade que atravessa o livro e também, de alguma forma, lhe dá forma.

## **SÃO PAULO**

**Andrés Sandoval**  
**Pato Lógico**



Depois de *Madrid*, de Manuel Marsol, o mapa pessoal da cidade brasileira de São Paulo, uma das maiores do mundo, volta a surpreender. Andrés Sandoval, que vive na cidade há anos, opta por contar a história do local e privilegiar as suas origens, partilhando com o leitor a sua visão ideológica da cidade. Começa fora da cidade, na Pedra Grande, para nos mostrar onde nasceu uma metrópole, confinada e vítima da natureza. Chega-se ao centro para outra perspetiva, desta feita de cima para baixo, da varanda do edifício Altino Arantes. Ali, numa área mais alargada, os jesuítas evangelizavam indígenas à força, conta o ilustrador chileno, com um pouco mais de discrição. Mas é importante que todos saibam o poder da congregação religiosa e a ela se retorna logo no terceiro local escolhido, mais na sua fealdade e crueza do que por alguma vista ou construção idílica.

Andrés é arquiteto de formação e também isso transparece no mapa. O cuidado com que descreve o traçado dos edifícios e dos parques, com que assinala os estilos arquitetónicos em que se enquadram e ainda a sua relação com o tempo passado e presente denota um olhar especializado. Neste espírito, Andrés procura mostrar a identidade pré-colonial que São Paulo não esconde, começando nos nomes dos rios, lugares de comércio, jardins e colinas nos limites da cidade. Nos pontos de observação, de fora para dentro e de dentro para dentro, há a procu-

ra pelo verde, pelos pássaros, pelos paladares, há os viadutos, as ruas, os rios, os edifícios que se substituem e que fazem pressentir, apenas pelo texto, o emaranhado da cidade. O Copan, mítico edifício de Oscar Niemeyer não tem direito a entrada própria. Todavia, é omnipresente quando o ilustrador apresenta o café Floresta, uma metonímia para toda a comunidade do Copan, na sua dimensão ultra-celeste. O café é pequeno, mesmo na entrada da galeria comercial do edifício, e ali, naquele espaço exíguo é uma espécie de guardião do templo. Para além de parques e edifícios, há um museu, um teatro, este café, uma feira de domingo onde tudo se negocia e come-se o melhor e as galerias comerciais, das populares às elegantemente decadentes.

Andrés Sandoval não tem, na ilustração, nenhuma preocupação em mostrar perspectivas globais dos lugares, ou de definir para o leitor como é aquele sítio, aquele edifício, de que fala no texto. Opta por realçar alguns elementos e representar simbolicamente o seu significado. A paleta de cores fica-se pelos ocres, numa escala de amarelos, laranjas, vermelhos, verdes e castanhos. Esta visão da cidade é sensorial, tropical, indígena e é esse o sentido da cor, do preenchimento das formas, das manchas, da ausência de contorno. São ramos e folhas de árvore, edifícios altos e casas rasas, circuitos, pedras, totems, marcas ancestrais. No final deste mapa sensorial, o som. O som que fecha o que o olhar abriu num percurso em doze lugares. O som que é o da cidade, o som que se atropela, sucede, interceita, e nunca ou quase nunca emudece. A original jukebox leva-nos a ouvir a música dos pássaros pela manhã, em seguida, trânsito, música, pregões, vozes, obras.

Sandoval despede-se assim dos leitores, a cru, sem visões idílica: «São Paulo da chuva miúda é escandalosa e, prepare-se, podem chover ovos.» Mas nesta altura, muitos estão dispostos a arriscar.

**S** **A** **MAQUILLO QUE**  
**M** **N** **O** **FOI**

**RA NAU FOI  
MA ESQUECIDO  
GO CONTINUA  
VIVO E  
MA PRESENTE**

**Em 1998, meses antes de receber o Prémio Nobel, José Saramago concedeu ao jornal italiano *Liberazione* uma extensa entrevista a propósito do romance *Todos os Nomes*, que acabara de ser publicado em Itália. A *Blimunda* publica as respostas que o escritor enviou ao jornalista Marco Romani, por fax, no dia 30 de agosto. As perguntas, embora não estejam reproduzidas por José Saramago, deduzem-se da leitura das respostas enviadas.**



A vida do Sr. José funcionário duma conservatória de Registo Civil nada tem que ver com a minha. Nunca vivi só, estou casado pela terceira vez, tenho uma filha e dois netos. Também não assaltei escolas nem falsifiquei documentos. O facto de o Sr. José ter esse nome resulta apenas do facto de eu ter pretendido dar-lhe um nome banal que estivesse de acordo com a insignificância do personagem. Não encontrei nome mais banal que o meu próprio...

Não é este o primeiro romance em que os personagens não têm nome. Já em *Ensaio Sobre a Cegueira* isso sucedia. Nesse caso foi a exepcionalidade da situação criada – uma cidade de cegos, um mundo de cegos – que me fez compreender como são frágeis os nomes que usamos, como facilmente deixam de ter significado quando o indivíduo se dissolve no grupo, no bando, na multidão. Nos campos de concentração não se tatuavam nomes, mas números, e as sociedades em que hoje vivemos parecem mais interessadas em conhecer o número do nosso cartão de crédito do que em saber como nos chamamos. O caso de *Todos os Nomes* é diferente. Pessoas diferentes têm o mesmo nome, dizer o nome não é suficiente para «dizer» a pessoa. O Sr. José sabe como se chama a mulher desconhecida, mas isso é o mesmo que nada saber.

# 2

Não afirmo que procurar uma coisa seja o «único» significado que ela tem, mas, tratando-se do «outro», o caminho que nos deveria levar a ele não tem ponto de chegada. Iremos aproximando-nos cada vez mais, mas nunca poderemos dizer: «Conheço-te». O Sr. José tem consciência dessa impossibilidade (uma consciência difusa, mas que está presente em todos os seus actos), por isso semeia de obstáculos o seu caminho. Vencer esses obstáculos é mais importante para ele do que encontrar o objecto da busca.

# 3

Ponhamo-nos no lugar do Sr. José, ou talvez não seja preciso tanto. Na vida de cada um de nós houve pelo menos um momento em que tivemos de «inventar» uma razão para mudar a vida, uma razão maior que nós, uma razão capaz de transportar-nos aonde não nos levaria a rotina do quotidiano. O que o Sr. José fez foi «inventar» uma ilha desconhecida e lançar-se ao mar à procura de si mesmo, que é o que realmente fazemos quando procuramos o «outro»...

# 4

**4**

A ordem hierárquica dos funcionários da Conservatória pode ser interpretada com a ordem de uma História em que todos os factos, datas e nomes tivessem os seus lugares marcados e fixados de uma vez para sempre. O Sr. José irá perturbar esta fixidez, primeiro procurando alguém a quem não deveria procurar e sem para tal estar autorizado, depois, pouco a pouco, fazendo desaparecer a linha que separa a morte da vida, ou a vida da morte, segundo se prefira. O Sr. José, se se me permite a ousadia, é uma espécie de Orfeu...

**5**

Da colecção de notícias do chefe da Conservatória não chegamos a saber nada. Sabemos apenas que ele tem conhecimento de tudo o que se vai passando. Aproxima-o do Sr. José precisamente o carácter «subversivo» das acções deste, e essa aproximação torna-se em cumplicidade quando o chefe compreende que a humanidade autêntica é o conjunto dos mortos e dos vivos, confundidos uns com os outros no ontem e no hoje, inseparáveis no agora e no sempre.

**6**

Na Conservatória estão os papéis da vida e da morte de todos os seres humanos nascidos, no Cemitério estão os restos dos que já não

pertencem à vida mas pertencem invisivelmente à História. Assim, Cemitério e Conservatória são complementares, nenhum deles poderia existir sem o outro. No fundo são uma coisa só.

7



Penso que cometemos um erro grave quando esquecemos os nossos mortos, crendo que essa é a maneira de negar a morte. Também tentamos negar a velhice quando retiramos os velhos da vida afectiva e social. Nesse momento começamos a esquecê-los. Como em *Todos os Nomes* está escrito, só o esquecimento é a morte definitiva. Aquilo que não foi esquecido continua vive e presente.

8



Essa declaração é feita por um dos personagens do romance, e não por mim... Mas é verdade que a metáfora nos aparece como uma iluminação das coisas diferente, como uma luz rasante que iluminasse o relevo de uma pintura. A metáfora é um pressentimento do saber total. Quanto ao dever e ao fim da literatura, recordemos que os seus fins e os seus deveres foram diversos e nem sempre concordantes ao longo do tempo. Como não foram iguais e muitas vezes foram opostos os deveres e os fins das sociedades humanas, de que a literatura é, ao mesmo tempo, reflexo e reflector.

# 9

O fim do milénio é um mero acidente de calendário. O que está a acabar, de facto, é uma civilização. Paulo Valéry não imaginava a que ponto tinha razão quando escreveu: «Nós, civilização, sabemos agora que somos mortais.» Já antes o deveríamos ter sabido se fôssemos capazes de aprender com o passado. O tipo humano que começou a definir-se na época do Iluminismo está a extinguir-se. Não sei o que virá depois dele. Penso, contudo, que não haveria lugar para mim nos tempos que se aproximam...

# 10

A pergunta não deveria ser «que é que existe ainda da esquerda?», mas sim «que foi o que abandonámos da esquerda?». Nesse caso direi que muitos (muitíssimo) abandonaram o que chamo um «estado de espírito de esquerda» para passar-se, fosse por ambição, oportunismo, ou cobardia moral, ao outro lado, mesmo quando fingem contestá-lo. Contra todas as aparências, a questão central do nosso tempo não é a globalização da economia, mas a ética. Espero que a esquerda (a que ainda resta) o descubra a tempo...

# 11



**A mesma Europa que gastou séculos e séculos para conseguir formar cidadãos, só precisou de vinte anos para transformá-los em clientes. Sócrates tornaria a pedir o vaso de cicuta...**

**12**



**A cultura «europeia» não existe como tal. E se alguma vez vier a existir, temo que não seja «europeia» no sentido de uma síntese mais ou menos lograda das suas diversas culturas nacionais, mas sim o resultado do predomínio de uma dessas culturas sobre as outras. A globalização, seja ela mundial ou apenas europeia, é um totalitarismo.**



# UM EURO.

**Casa Fernando Pessoa  
Fundação José Saramago**

**Bilhetes de 1€ na segunda Casa de Autor  
mediante apresentação do bilhete de entrada  
na primeira Casa visitada. O desconto  
tem a validade de 10 dias.**

**10**  
ANOS  
YEARS  
AÑOS



Fundação  
José Saramago

Casa dos Bicos  
Rua dos Bacalhoeiros, 10  
Tel. +351 218 802 040  
[josesaramago.org](http://josesaramago.org)



Casa  
Fernando  
Pessoa

Rua Coelho da Rocha, 16  
Campo de Ourique  
Tel. +351 213 913 270  
[casafernandopessoa.pt](http://casafernandopessoa.pt)



Que boas estrelas estarão cobrindo  
os céus de Lanzarote?

# A Casa José Saramago

Aberta de segunda a sábado, das 10 às 14h. Última visita às 13h30.  
Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h. Última visita a las 13h30 h.  
Open from monday to saturday, from 10 am to 14 pm.  
Last entrance at 13.30pm.

**Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias, Islas Canarias, Canary Islands**  
**[www.acasajosesaramago.com](http://www.acasajosesaramago.com)**



# julho



CASA TRANSPARENTE DE MARÍA LUQUE

## ATÉ 3 AGO Narra Tu Ciudad

Exposição de trabalhos dos autores finalistas do I Premio de Novela Gráfica Ciudades Iberoamericanas, mostrando as pranchas de banda desenhada criadas em torno de cidades. Madrid, Centro Cultural Conde Duque. [→](#)

## ATÉ 31 AGO Cíelo Sobre o Maio de 68

Conjunto de filmes realizados no contexto do Maio de 68, em França, ou de algum modo relacionados com esta data, para ver quinzenalmente. Lisboa, Centro Cultural de Belém. →

## ATÉ 10 SET Pós-Pop. Fora do lugar-comum

Exposição que parte da Pop Art enquanto linguagem artística emblemática e reconhecida da segunda metade do século XX para explorar os desvios que dela fizeram diversos artistas portugueses e ingleses. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian. →



## **ATÉ 17 SET** Shomei Tomatsu

Exposição retrospectiva de um dos mais importantes fotógrafos japoneses contemporâneos, acompanhando seis décadas de história do Japão. Barcelona, Fundación Mapfre. →



## **ATÉ 30 SET** Projetos Contemporâneos: Martine Sysms, Lessons I-CLXXX

Cruzando o vídeo e a performance, a artista norte-americana examina representações de negritude e a sua relação com a narrativa, o vernáculo, o pensamento feminista e as tradições raciais. Porto, Museu de Serralves. →

# ATÉ 9 OUT Coleção Castro Maya: Sociedade dos Cem Bibliófilos em Destaque

Exposição de livros da biblioteca de Raymundo Ottoni de Castro Maya, bibliófilo que reuniu uma das mais importantes colecções particulares do Brasil, alguns deles ilustrados por artistas contemporâneos. Rio de Janeiro, Museu Chácara do Céu. →



# ATÉ 27 OUT Contra a Abstracção

Um projecto que aborda a linguagem abstracta com uma perspectiva contemporânea, seleccionando obras da colecção da Caixa Geral de Depósitos. Ponte de Sor, Centro de Artes e Cultura. →

# ATÉ 4 NOV Frida Kahlo – as suas fotografias

Exposição que reúne fotografias, captadas por Man Ray, Edward Weston e Brassai, entre outros, onde se mostram momentos familiares e íntimos da vida da pintora mexicana. Porto, Centro Português de Fotografia. [➔](#)



# ATÉ MAR 2019 **Latinoamérica: volver al futuro**

Exposição que procura as ligações entre projectos regionais argentinos e as práticas artísticas contemporâneas, mostrando obras de diversos artistas.  
Buenos Aires, Museo de Arte Contemporáneo. →

## **25 A 29 JUL** L Burro I L Gueiteiro – Festival Itinerante de Cultura Tradicional

16ª edição de um festival que leva burros, gaiteiros, teatro, dança e música ao encontro das populações das terras de Miranda, em Trás os Montes.  
Miranda, vários lugares. →

© CLÁUDIA COSTA



O sentir humano é uma espécie de caleidoscópio instável, mas, neste caso, o que importará deixar claro é que a reação prevalecente foi a contrariedade, o desagrado, a zanga. Foram eles que levaram artur paz semedo a não continuar a ler o livro de malraux, para seu desgosto, e profundo, já lhe bastava o que tinha acabado de sofrer. Desde o princípio do mundo que havia armas e não morria mais gente por isso, morriam os que tinham de morrer, nada mais. Uma bomba nuclear levava pelo menos a vantagem de abreviar um conflito que doutra maneira se poderia arrastar indefinidamente.

*In Alabardas, alabardas, espingardas, espingardas*

# José Saramago